

2009 - A quem interessa uma crise com epicentro em Cabinda?

A quem interessa uma crise com epicentro em Cabinda?

por: Eugénio Costa Almeida©

Nestes últimos dias assistimos a uma pequena batalha de ora expulso eu, ora expulsas tu, entre Angola e a República Democrática do Congo (RD Congo), de início, e também da parte da República do Congo, mais recentemente. Ou seja, Angola expulsava congoleses, na maioria ilegais e garimpeiros, e a RD Congo respondia com a expulsão de angolanos, a maioria a viverem no país há muitos anos e, a maior parte deles, em situação legal.

Não está aqui em causa a legitimidade dos Países em expulsarem estrangeiros quando as condições a isso os levam, mesmo que isso tenha por detrás, e não poucas vezes, razões extra-políticas e, principalmente, atropelos aos Direitos Humanos.

Sabe-se, ou disso foi feito anúncio público que tudo terá começado com a expulsão de muitos congoleses que faziam vida ilegal em Cabinda, onde, se alguns faziam o trajecto diário entre a fronteira e a Cidade & Cabinda dista da fronteira congolesa cerca de 20 a 25 km e há transportes diários e contínuos & outros assentaram a vida na capital provincial mais a norte do País, de forma permanente e ilegal onde faziam transacções comerciais em competição com os legais e os próprios cabindenses.

Mas também é domínio público que muitos dos congoleses estavam ilegais em zonas diamantíferas & onde o monopólio de certos senhores da nomenclatura predomina & sem cumprirem com os deveres tributários da exploração e delapidando um bem natural público e, principalmente, muito, mas muito, proveitoso para ajudar certas entidades a comprar quintas, bancos e outros bens em zonas fora de Angola, o que, no mínimo, era inaceitável.

Alia-se a esta absurda situação de múltiplas expulsões, o facto de uma pessoa além de ser expulsa de um País onde, não poucas vezes, tem uma vida social estável ou estabilizada e se vir perante o facto de estar confinada a um campo de refugiados sem as condições, muitas vezes, infelizmente, mínimas de sobrevivência tornam a vida de um refugiado preocupante, se vê ainda confrontado com a dúvida, apesar de tudo, legítima, de o questionarem se de facto é ou não angolano, esquecendo-se o seu inquiridor que muitos fugiram do País sem documentos válidos devido a uma confrontação fratricida que grassava em Angola, aliado ao facto de, entre os &expulsos& se encontrarem congoleses que procuram uma nova nacionalidade e uma fuga aos caos social da RD Congo.

Ora isso provoca problemas psicológicos e muito traumáticos entre os &expulsos& qualquer que seja a sua efectiva nacionalidade. Todos passam a ser vistos pela mesma linha de pensamento, ou seja, todos acabam por ser vistos como intrusos que terão de provar a sua efectiva nacionalidade perante factos pouco edificantes e perante amigos que, naturalmente, não se sabe se também eles não estarão a fazer o jogo do &coitadinho&, ou seja, se serão mesmo angolanos.

Um problema dos países que ainda não dispõem de condições viáveis para que todos os seus cidadãos sejam devidamente enquadrados. Um problema por que passam todos os países onde a palavra &refugiado& é tão comum como a fome ou a miséria.

Se de início esta troca de expulsões era só entre Angola e RD Congo, acabou por se estender, e por vontade de Brazzaville, à República do Congo.

E aqui se levanta a questão que, muito pertinentemente, alguns analistas já afloraram mas que parecem ter receio de o expor publicamente. A quem, realmente, interessa este caso de múltiplas e paritárias expulsões?

Não me parece que Angola, a potência emergente que deseja mostrar poder e influência regional, deseje fazê-lo pela via da confrontação social, mais que política, mais que militar, porque sabe que nesse aspecto perderia sempre. Logo não me parece que Angola seja a parte mais interessada nesta questão. E a prova foi que Angola é que se deslocou a Kinshasa para discutir a matéria e não o contrário.

Com que imposições? Isso, o tempo o dirá.

Depois houve o caso, recente, de dois militares angolanos que estavam detidos em Kinshasa, e que foram expulsos da RD Congo, sob a acusação de que teriam, em tempos, participado nos atentados que vitimaram Kabila-pai no que foi sempre desmentido por Angola, naturalmente, e pouco clarificado pelo regime de Kabila-filho.

Da dúvida de uma eventual participação de Angola na vida política e social de Kinshasa, já Luanda não conseguirá evitar que a mesma persista até porque outros factos, nomeadamente no Leste da RD Congo isso o indicam e sustentam.

Se razões parecem existir para a troca de &expulsos& entre Luanda e Kinshasa, já entre Brazzaville e Luanda essas razões parecem estar omissas. Assim, que razões levaram o regime de Sassou Nguesso proceder a

expulsões de angolanos da República do Congo?

Recordo que quando estive em Angola, em Maio passado, numa das Conferências que a Universidade Lusíada de Angola me proporcionou poder fazer, no caso em Cabinda, alertei para o facto da RD Congo ser um jacaré adormecido, pronto a acordar e quando isso acontecesse os vizinhos poderia e deveriam começar a tomar providências para possíveis “ataques” de Kinshasa com vista a recuperar o Poder e a influência que já tinham detido na região e em África.

Alertei, também, que Cabinda continuava a ser o pitéu mais apetitoso que RD Congo e Congo desejavam partilhar e dividir entre si, por causa do petróleo. Algo que já tinham tentando antes, embora sem sucesso. Fui questionado, e não poucas vezes, embora de forma anónima como convém aos que não têm formas de contrapor a factos, chamaram-me de mentiroso e de subserviência a Luanda. Os factos, só por si, e é em Cabinda onde se verifica a tentativa de maior fraudes entre os “expulsos”, mostram que não estava, nem estou, errado e que a divisão de Cabinda entre os dois Congos continua presente no tabuleiro estratégico das duas capitais congolezas.

O que de início mostrou ser uma necessidade de acabar com abusos sociais e económicos tornou-se numa tentativa de verificar quem estaria em melhor condições para se impor estrategicamente no contexto da África central.

Daí que alguns analistas angolanos, interna e na diáspora, tenham se referido para as inquietações que já se começavam a sentir nas Forças Armadas Angolanas.

Provavelmente, foi isso que George Chicoty, vice-ministro das relações Exteriores angolano, foi apresentar a Joseph Kabila, no seu palácio de Kinshasa. Presumivelmente, Chicoty mostrou ao presidente da RD Congo que, apesar de ter tido um bom professor e ter assimilado bem tudo o que Luanda lhe ensinou, ainda não estava preparado para devolver lições. Talvez que Chicoty tenha recordado a Kabila que numa confrontação, mesmo que de baixa intensidade, com as FAA não só poderia não ganhar como veria os seus vizinhos que ainda anseiam alterar as fronteiras a seu favor (caso do Ruanda e do Uganda) aproveitarem-se da situação para voltar a desestabilizar as já periclitantes zonas fronteiriças do leste do País.

Não esquecer que na comitiva de Angola iam, também, além do vice-ministro Chicoty, e da Reinserção Social, Miguel Ângelo, os vice-ministros da Defesa, Cândido Van-Dúnem, do Interior, Dinho Martins, e o chefe do Estado Maior adjunto das Forças Armadas Angolanas, Geraldo Sachipengo “Nunda”.

E Kabila que tem mostrado ser um bom aluno, de certeza que ponderou estas questões e os acompanhantes de Chicoty pelo que acordou, juntamente com Angola, cessar as expulsões.

Quais as contrapartidas, isso veremos mais tarde. Pelo menos sabe-se que uma das vontades maiores da RD Congo, a redefinição das fronteiras entre os dois países, nomeadamente, na foz do rio Zaire (nzaire, na língua local) ou Congo, vai ser reanalisada e os marcos fronteiriços reavaliados.

Quanto ao resto veremos mais adiante quem ganhou e quem mais cedeu nesta questão que, numa primeira vista, parece ser só de “trocas” de expulsos.

Sabe-se que as expulsões mesmo que sendo legítimas por parte dos Estados acarretam, quase sempre e na maior parte das situações, fortes atentados aos Direitos Humanos. As retaliações acontecem a esmo e, na maior parte dos casos, sem critérios definidos e admissíveis.

Por isso é pouco aceitável que uma questão de delimitação fronteiriça, cujos benefícios económicos são por demais evidentes, principalmente quando na sua génese estarão enormes veios petrolíferos em exploração, tenha sido aproveitada para colocar em causa direitos fundamentais como o direito à estabilidade familiar e social. Ou seja, atente-se e ataque-se pela via mais fácil e mais débil, e, por isso, mesmo, de mais forte impacto social: a expulsão de cidadãos.

Alguém, decididamente ganhou. Quem, o tempo o dirá ou o confirmará. Pessoalmente parece-me que os vencedores estiveram fora do círculo restrito dos contendores. Por outras palavras, enquanto a crise das expulsões coexistiu, que levou a uma intervenção oral – e unicamente – da ONU, outras questões, nomeadamente na parte mais austral de África e no Golfo da Guiné, ou a fome terrível por que muitos africanos com que ainda (sobre)vivem, passaram para planos muito secundários.

Daí a questão: «A quem interessou a crise dos “expulsados”?»

Vamos aguardar os próximos capítulos até porque a República do Congo ainda mantém um mutismo ensurdecidor…©Publicado no Notícias Lusófonas, na rubrica "Manchete", em 16.Outubro.2009, (<http://www.noticiaslusofonas.com/view.php?load=arcview&article=24192&catogory=Manchete>) e citado e transcrito pelo Angola Digital sob o título original de “A quem interessou a crise dos «expulsados»?”